

**A ESTILÍSTICA *QUEER*
NA PROBLEMATIZAÇÃO DO HOMOEROTISMO
NO ENSINO DE LITERATURA**

Elio Marques de Souto Júnior (UFRJ)
eliomsj@yahoo.com.br

RESUMO

Este minicurso se propõe a investigar de que forma os pressupostos teóricos da estilística e dos estudos *queer* podem se articular no ensino de literatura a fim de conscientizar os aprendizes acerca do uso estético da linguagem nos textos literários e seus efeitos na construção do homoerotismo masculino. Conforme Carter (2007), nos últimos anos, muitos linguistas aplicados têm se dedicado ao estudo da relação entre língua, literatura e educação, destacando a complementaridade dos estudos linguísticos e literários. Nesse contexto, a literatura, além de ser um artefato cultural e histórico (ZYNGIER, 1994), é uma forma de uso da linguagem (ZYNGIER, FIALHO & RIOS, 2007). Desse modo, ao estudar os meios pelos quais o significado é construído nos textos literários pelo uso da língua, a estilística constitui um aporte teórico-metodológico para o ensino da literatura (MORGGARD, 2010). Nesse sentido, a análise estilística focaliza os aspectos fonológicos, lexicais, semânticos, pragmáticos e discursivos nos textos, bem como o processamento cognitivo de tais aspectos. A linguagem também exerce um papel central nas teorizações *queer*, uma vez que a sexualidade e o gênero são construídos historicamente por discursos institucionais, tais como o religioso, o médico-psiquiátrico, o pedagógico etc., cujo objetivo é classificar os comportamentos sexuais com base em uma concepção de normalidade (BUTLER, 2003; FOUCAULT, 2001; LOURO, 2004; MISKOLCI, 2012; SULLIVAN, 2003). Com efeito, concebendo a educação como uma prática transformadora (HOOKS, 1994), é possível combater a homofobia nas escolas através da conscientização dos aprendizes acerca do fato de que, através do discurso, é possível desconstruir ou reforçar preconceitos e discriminações.

Palavras-chave: Ensino. Estilística. Homoerotismo. Literatura. *Queer*.

1. Introdução

A literatura, segundo Cosson (2006), além de ser uma prática discursiva e social, é um espaço no qual convergem leituras do histórico, do social e do cultural. Tendo em vista que o discurso não é neutro nem desinteressado, mas atravessado por relações de poder e pela ideologia, o texto literário, ao representar certas identidades, pode marginalizá-las ou legitimá-las. (SIMPSON, 2004).

Nesse sentido, a sala de aula de literatura, assim como a de língua, pode constituir um ambiente onde significados e identidades são negociados e construídos nas interações dialógicas mediadas pelo discurso nas quais os sujeitos se engajam (MOITA LOPES, 2002). De fato, o trabalho com a linguagem é um dos modos para que se possa problematizar identidades sexuais na sala de aula. (TÍLIO & SOUTO JÚNIOR, 2014)

Tendo em vista que, nos últimos anos, tem havido um aumento no interesse em torno da relação língua, literatura e ensino (CARTER, 2007), a estilística passa a ser

uma ferramenta metodológica para abordar textos literários. Isto posto, este artigo propõe uma perspectiva *queer* da estilística para problematizar as identidades homoeróticas masculinas na aula de literatura.

Na primeira seção, será discutida o conceito de estilística, que pode ser definida como o estudo dos efeitos causados nos leitores por escolhas linguístico-discursivas (ZYNGIER, 1994). Além disso, será enfatizada como uma abordagem estilística do texto literário pode ajudar a desenvolver a conscientização literária dos aprendizes a fim de que possam interpretar tais textos de forma autônoma e crítica.

O foco da segunda seção será na análise dos pressupostos teóricos da teoria *queer* cujo postulado principal é o de que as categorias de gênero e sexualidade são construções sociais e discursivas (LOURO, 2004). Portanto, por meio da desconstrução dos discursos falocêntricos que estabelecem e sustentam a ideologia heteronormativa, a teoria *queer* busca questionar as visões naturalizadas e essencializadas dos gêneros e das sexualidades.

As premissas da estilística *queer* serão discutidas na terceira seção, apoiadas na análise crítica do discurso, que concebe a linguagem como prática social e, por isso, atravessada por ideologias e relações de poder (FAIRCLOUGH, 2001), a perspectiva *queer* da estilística visa problematizar as representações do homoerotismo masculino através de uma análise das escolhas linguístico-discursivas feitas pelo autor do texto literário.

2. O ensino de literatura e a estilística

A literatura, enquanto prática cultural, constitui um registro sócio-histórico da evolução da sensibilidade do ser humano (ZYNGIER, 2001). Os textos, assim como a história de sua recepção, refletem os modos como determinados temas foram privilegiados e pensados ao longo da história da civilização. Portanto, o ensino de literatura possibilita que os aprendizes compreendam a importância da arte literária em suas vidas (COSSON, 2006). Entretanto, ainda hoje, discute-se se o foco do ensino de literatura deve ser na perspectiva histórica, sociológica ou na análise textual (ZYNGIER & FIALHO, 2010).

Como afirmam Zyngier, Fialho & Rios (2007), o principal objetivo do ensino de literatura é o de sensibilizar os aprendizes para o texto escrito. Considerando o texto literário como uma ação comunicativa, faz-se necessário conscientizar os aprendizes acerca do uso linguístico em tais textos. De fato, o texto literário é um artefato linguístico, uma vez que é constituído por uma combinação de recursos linguísticos que se materializam no uso.

Nesse sentido, o ensino de literatura deve possibilitar a conscientização do leitor para as escolhas linguísticas que influenciam a construção do significado de um texto literário, bem como para a percepção do que é dito ou escrito de forma implícita (MCRAE & CLARK, 2004; SIMPSON, 2004). Assim, tal conscientização pressupõe a aquisição e o desenvolvimento de certa habilidade para compreender e avaliar padrões linguísticos nos textos literários, o que remete a uma abordagem estilística no ensino de literatura.

A estilística, conforme Norgaard, Montoro & Busse (2010), é o estudo de como os significados são construídos nos textos literários por meio da escolha de determinados recursos linguísticos. Os estilistas, pois, aplicam modelos provenientes da linguística como ferramenta analítica. Desse modo, a análise estilística busca descrever e explicar como e por que os textos significam de uma forma particular, produzindo, assim, determinados efeitos nos leitores. (ZYNGIER & FIALHO, 2010)

Há, segundo Zyngier (2001), duas correntes de análise estilística, as abordagens textualmente orientadas e as contextualmente orientadas. As primeiras interessam-se apenas pela descrição de padrões linguísticos, desconsiderando como os textos literários significam em um dado contexto. As abordagens textualmente orientadas concebem "o texto como predominantemente monológico, estável e autorreferente" (MCRAE & CLARK, 2004, p. 329).

As abordagens contextualmente orientadas, por outro lado, compreendem o texto literário a partir de uma visão dialógica na qual o significado é construído na interação entre autor, leitor e texto (MCRAE & CLARK, 2004). Tais abordagens buscam investigar como as forças históricas e sociais influenciam a produção e recepção dos textos. Assim, para essas abordagens o texto literário e o contexto social estão em uma relação dialética.

Aplicada ao ensino de literatura, a abordagem contextualmente orientada da estilística, também chamada de estilística pedagógica, visa desenvolver a conscientização literária dos aprendizes (ZYNGIER, FIALHO & RIOS, 2007). Tal conscientização "depende de atividades que promovam a sensibilização dos aprendizes para a experiência estética verbal" (ZYNGIER, FIALHO & RIOS, 2007, p. 195). O processo de conscientizar-se literariamente se dá por meio da percepção dos recursos linguísticos responsáveis por efeitos estilísticos durante a leitura.

Os objetivos da conscientização literária incluem o reconhecimento de padrões verbais e da ideologia subjacente na construção de textos literários, fornecendo, portanto, aos aprendizes metalinguagem para que estes possam descrever e avaliar sua experiência literária (ZYNGIER, 1994). Nessa perspectiva, quanto mais os leitores estiverem conscientes acerca do uso estético da linguagem, mais serão capazes de justificar sua interpretação. A prática da conscientização literária, pois, deve focar como os textos literários significam e não o que significam (MCRAE & CLARK, 2004).

No que diz respeito ao aspecto cognitivo, o processo de conscientização literária tem como objetivo principal o desenvolvimento da consciência de unidades, padrões, regras e categorias da linguagem em uso, assim como da habilidade de refletir criticamente sobre os textos literários a fim de expressar julgamentos e opiniões apropriados (ZYNGIER, 1994). Assim sendo, tendo em vista a articulação entre conscientização literária e reflexão crítica, é possível discutir questões de gênero e sexualidade na aula de literatura por meio da articulação entre estilística e teoria *queer*.

3. Teoria *queer*: transgredindo as normas de gênero e sexualidade

O termo *queer*, segundo Spargo (2000), "antes lançada ou sussurrada com um insulto, é agora orgulhosamente reivindicada como uma marca de *transgressão*" (SPARGO, 2000, p. 3). A transgressão, conforme Jenks (2003), "é aquela conduta que destrói as regras e transgride os limites" (JENKS, 2003, p. 3). No contexto dos estudos *queer*,

transgredir as regras significa contestar as normas regulatórias de gênero e sexualidade (BUTLER, 2003).

Nesse sentido, a teoria *queer* questiona a oposição heterossexualidade/homoerotismo, questionando a ideia de que a heterossexualidade é natural e, portanto, compulsória, o que remete ao conceito de heteronormatividade (LOURO, 2004). A heteronormatividade é uma estrutura ideológica onipresente que se refere à noção de que os sujeitos são criados para ser heterossexuais mesmo que não venham a relacionar-se com o sexo oposto (MISKOLCI, 2012).

Com efeito, a teoria *queer* visa compreender as identidades sexuais e de gênero para além das normas sociais que regulam tais identidades (SULLIVAN, 2003). Assim, os teóricos *queer* buscam desnaturalizar compreensões heteronormativas das categorias de gênero e sexualidade. De acordo com Louro (2004), a teoria *queer* insere-se no quadro do pós-estruturalismo que estuda a relação entre os sujeitos, a vida social e as práticas de construir significado.

Nessa perspectiva, o significado não é visto como pré-existente ao sujeito, mas é construído nas interações sociais mediadas pelo discurso (MOITA LOPES, 2002). Assim, a teoria *queer* encontra na teoria desconstrutivista de Derrida, nas reflexões de Foucault acerca da construção discursiva da sexualidade e na noção de gênero como ato performativo de Butler meios para embasar a crítica à normalização dos gêneros e das sexualidades.

A desconstrução é uma teoria que, além de destacar o caráter construído do significado, proporcionou um abalo no pensamento metafísico ocidental, uma vez que este se apoiava em oposições binárias, tais como masculino/feminino, heterossexual/homoerótico, para estabelecer uma hierarquia ou supremacia de um termo sobre o outro (DERRIDA & ROUDINESCO, 2004). Derrida (1991) pontua que desconstruir significa decompor os discursos com os quais as oposições binárias são estabelecidas, revelando seus pressupostos, suas ambiguidades e suas contradições.

A perspectiva da desconstrução pode sustentar a proposta de problematizar os binarismos e a lógica falocêntrica, conceito útil para pensar a questão do gênero e da sexualidade (DERRIDA & ROUDINESCO, 2004). O modelo falocêntrico da sociedade ocidental atribui significado às coisas e aos sujeitos tomando como base sempre o masculino, ou seja, considerando o falo como ponto de referência e centro a partir do qual ocorreria todo o processo de subjetivação.

Assim como Derrida, Foucault (2001) enfoca o papel do discurso na construção da sexualidade. De fato, a sexualidade é "uma categoria construída de experiência que têm origens históricas, sociais e culturais" (SPARGO, 2000, p. 12), ou seja, ela não é fruto da biologia ou da genética (FOUCAULT, 2001). Nesse sentido, a sexualidade constitui um dispositivo histórico construído fundamentalmente pelo discurso religioso e médico-psiquiátrico do século XIX.

A doutrina cristã encarregou-se de condenar o homoerotismo, considerando-o um ato transgressivo, uma sodomia. A explosão de discursos sobre o sexo no século XIX não só atualizou o discurso religioso, mas também transformou o sujeito homoerótico em uma espécie com anatomia e psicologia distintas. Assim, o sujeito homoerótico passa a ser compreendido a partir da sua sexualidade, isto é, "nada daquilo que ele é, no fim

das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo, subjacente a todas as suas condutas". (FOUCAULT, 2001, p. 43)

Da mesma forma, Butler (2003) afirma que os gêneros são construtos sociais e discursivos, e, assim, atos performativos. A performatividade, para a autora, diz respeito a um ato discursivo que produz aquilo que ele nomeia, ou seja, a linguagem torna-se um discurso delimitador e formador dos objetos e sujeitos. Nessa perspectiva, a categoria do gênero é resultado de um discurso performativo, o que demonstra que os sexos não têm nenhuma validade intrínseca e ontológica.

A noção dos gêneros como atos performativos permite que se desnaturalize o laço entre sexo e gênero, expondo os mecanismos culturais que produzem a coerência do gênero que, dessa forma, torna-se uma categoria inteligível (BUTLER, 2003). Tal inteligibilidade baseia-se na sequência sexo-gênero-sexualidade na qual o sexo biológico determina o gênero que, por sua vez, determina a sexualidade. Portanto, a concepção butleriana de gênero constitui um modo de desestabilizar as relações normativas que regem os gêneros e as sexualidades.

4. A estilística queer na problematização da identidade homoerótica masculina

Neste artigo, o que se chama de estilística *queer* baseia-se na análise crítica do discurso, que compreende o discurso como ação sócio-histórica, sendo, portanto, uma prática social, (FAIRCLOUGH, 2001). Nesse sentido, o discurso não só representa o mundo e as relações sociais, mas os constroem. Assim, a estilística *queer* é uma abordagem textualmente e contextualmente orientada.

Conforme Fairclough (2001), há três funções da linguagem e dimensões de sentido que interagem em todo discurso, quais sejam, a função identitária, que relaciona-se às formas pelas quais as identidades são estabelecidas no discurso, a função relacional, que refere-se a como as relações sociais entre os participantes do discurso são renegociadas e representadas, e a função ideacional, relacionada a como os textos significam a vida social, assim como contribuem na construção de crenças e sistemas de conhecimento.

Assim, na perspectiva da análise crítica do discurso, a identidade social é compreendida como uma construção discursiva, sendo fragmentada, contraditória e instável (MOITA LOPES, 2002). Desse modo, a análise estilística *queer* busca verificar como, a partir dos padrões linguístico-discursivos, as identidades sexuais e de gênero são construídas, reestruturadas e contestadas no discurso.

Portanto, uma das principais metas da análise crítica do discurso é explicar como os discursos são construídos por relações de poder e pela ideologia dominante (FAIRCLOUGH, 1996). Ideologia pode ser conceituada como a visão de mundo compartilhada por uma determinada classe social, não podendo, portanto, ser dissociada da linguagem. Na verdade, a linguagem expressa e é moldada pela ideologia.

A análise crítica do discurso estuda ainda como os textos, literários ou não, significam em um contexto sócio-histórico particular (FAIRCLOUGH, 2001). Assim, é preciso compreender que, para cada contexto de enunciação, corresponde um contexto ideológico (BAKHTIN, 2004). Nessa ótica, em todo texto literário convive uma multiplici-

dade de vozes com pontos de vista e crenças contraditórios. De fato, o discurso romanesco constitui uma arena onde diversos interesses sociais estão em conflito.

Nesse sentido, tendo em vista que, para os teóricos *queer*, as categorias de gênero e sexualidade são construídas social e discursivamente, a estilística *queer* visa compreender como o homoerotismo é representado por meio de escolhas linguístico-discursivas nos textos literários. Assim, a perspectiva *queer* da estilística articula as funções da linguagem postuladas pela análise crítica do discurso com conceitos como performatividade e falocentrismo.

Primeiramente, a análise estilística *queer* do texto literário deve reconhecer o aspecto falocêntrico do discurso que sustenta a ideologia patriarcal, sexista, homofóbica e heteronormativa, reforçando, assim, a dominação masculina e a consequente subordinação das mulheres e de tudo que, de certa forma, está relacionado ao feminino, como o homoerotismo. Tal discurso designa aos sujeitos papéis sexuais e de gênero baseados na sequência sexo-gênero-sexualidade.

Os discursos falocêntricos apoiam-se em uma lógica identitária fundada na polarização e exclusão binárias da diferença sexual (DERRIDA & ROUDINESCO, 2004). Centrada no masculino, a percepção ocidental de diferença sexual aproxima-se mais da noção de dicotomia do que de diferença. O sistema dicotômico binário atribui significados e valores específicos a sujeitos e coisas que compõem a realidade.

Nesse sentido, a análise estilística *queer* de textos literários visa desconstruir os discursos falocêntricos, possibilitando a reorganização semântica dos significados comumente atribuídos às categorias de gênero e sexualidade (MOITA LOPES, 2013). Desse modo, os aprendizes serão capazes de questionar a ideologia subjacente ao sistema falocêntrico que sustenta os discursos heteronormativos.

Como a ordem do discurso falocêntrico produz oposições binárias hierarquizantes, as escolhas de determinados itens lexicais pelo autor podem revelar a presença de ideologias estreitamente relacionadas ao discurso religioso e médico ou ao movimento de defesa dos direitos civis de sujeitos homoeróticos. Não é raro encontrar palavras pejorativas para referir-se a esses sujeitos, mesmo por autores abertamente homoeróticos.

O fato de que alguns personagens de obras literárias empreguem termos como "bicha" e "viado" em português ou "*queer*" e "*fag*" em inglês pode constituir uma estratégia do autor para destacar o imaginário social em relação ao homoerotismo. Tal emprego, muitas vezes, funciona como atos performativos (BUTLER, 2003), ou seja, como atos que criam o sujeito homoerótico como pecador, desviante, doente, criminoso etc. (FOUCAULT, 2001)

Além disso, adjetivos utilizados pelo narrador ou pelos personagens para qualificar os sujeitos homoeróticos pode refletir estereótipos de gênero e sexualidade. Os estereótipos, conforme Butler (2003), são construções sociais e mentais que fazem com que sujeitos e eventos tornem-se compreensíveis. Assim, os sujeitos projetam os estereótipos no mundo para que este faça sentido.

Outra questão importante é o uso do discurso direto ou indireto pelo autor. No discurso direto, a subjetividade do personagem é mantida por meio da citação literal do seu discurso (BAKHTIN, 2004). Assim, é possível retratar fielmente os pensamentos dos personagens acerca dos acontecimentos. O discurso indireto, em contrapartida, permite que o autor manipule o discurso dos personagens para servir a seus interesses.

Assim, o discurso direto de um personagem pode revelar como ele compreende sua identidade sexual e como percebe as sanções morais e sociais às quais tal identidade está submetida. No discurso indireto, quando não se identifica o personagem autor do enunciado, o narrador pode inserir no discurso alheio seu posicionamento ideológico em relação ao homoerotismo.

5. Considerações finais

Tendo em vista que a escola é uma das instituições sociais que constroem as categorias de gênero e sexualidade através de práticas discursivas que marginalizam aqueles sujeitos que não se conformam com o modelo heteronormativo da sociedade (LOURO, 2004), a aula de literatura constitui um espaço onde a identidade homoerótica masculina pode ser problematizada a fim de enfrentar a homofobia.

Assim sendo, o texto literário deve ser compreendido a partir da sua relação com os aspectos sócio-históricos, refletindo certa visão de mundo e possibilitando o questionamento, consentimento ou recusa por parte do leitor (ZYNGIER & FIALHO, 2010). Nesse sentido, a estilística *queer*, por meio da análise de padrões linguístico-discursivos dos textos literários, visa problematizar a construção da identidade homoerótica, atendo para como esses padrões são estratégias para marginalizar ou legitimar identidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARTER, R. Foreword. In: WATSON, G.; ZYNGIER, S. (eds.). *Literature and stylistics for language learners: theory and practice*. London: Palgrave Macmillan, 2007.
- COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- DERRIDA, J. *Margens da filosofia*. Campinas: Papyros, 1991.
- _____; ROUDINESCO, E. *De que amanhã: diálogos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: UnB, 2001.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- JENKS, C. *Transgression*. London/New York: Routledge, 2003.
- LOURO, G. L. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MCRAE, J.; CLARK, U. Stylistics. In: DAVIES, A.; ELDER, C. (Eds.). *Handbook of applied linguistics*. Oxford: Blackwell, 2004.

MOITA LOPES, L. P. da. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

_____. Gênero, sexualidade, raça em contextos de letramentos escolares. In: MOITA LOPES, L. P. da. (Org.). *Linguística aplicada na modernidade recente*. São Paulo: Parábola, 2013.

MISKOLCI, R. *Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

NORGAARD, N.; MONTORO, R.; BUSSE, B. *Key terms in stylistics*. London: Continuum, 2010.

SIMPSON, P. *Stylistics: a resource book for students*. London/New York: Routledge, 2004.

SPARGO, T. *Foucault and queer theory*. Cambridge: Icon Books, 2000.

TÍLIO, R.; SOUTO JÚNIOR, E. M. de. Gênero e sexualidade em livros didáticos: impactos da avaliação do PNLD. In: FERREIRA, A. de J. (Org.). *As políticas do livro didático e identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe em livros didáticos*. Campinas: Pontes, 2014.

SULLIVAN, N. *A critical introduction to queer theory*. New York: New York University Press, 2003.

ZYNGIER, S. *At the crossroads of language and literature: literary awareness, stylistics and the acquisition of literary skills in a eflit context*. 1994. Tese (de Doutorado). – University of Birmingham (England).

_____. Towards a cultural approach to stylistics. In: CAUCE, *Revista de Filología y su Didáctica*, n. 24, p. 365-380, 2001.

_____; FIALHO, O. Pedagogical stylistics, literary awareness and empowerment: a critical perspective. *Language and Literature*, vol. 19, n. 1, p. 13-33, 2010.

_____; _____. RIOS, P. A. do P. Revisiting literary awareness. In: WATSON, G.; ZYNGIER, S. (Eds.). *Literature and stylistics for language learners: theory and practice*. London: Palgrave Macmillan, 2007.